Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro,v.1, 2019/01

ISSN 2178-6925

AS EXPRESSÕES LINGUISTICAS E O SOTAQUE COMO FATOR DE IDENTIDADE ETNICA, CULTURAL, SOCIAL E ECONOMICA REGIONAL- UM RECORTE DO VALE DO MUCURI

LINGUISTIC EXPRESSIONS AND SOTAQUE AS A FACTOR OF ETHNIC, CULTURAL, SOCIAL AND REGIONAL ECONOMIC IDENTITY - A STUDY OF THE MUCURI VALLEY

Wallace Gomes Moraes

Graduado em Administração graduação pela União Pioneira de Integração Social – UPIS e graduação em Tecnólogo em Cooperativismo pela Universidade Federal de Viçosa -UFV. Especialização em Administração Rural e Gestão e Manejo Ambiental na Agroindústria pela UFLA. Professor do Curso de Administração da Faculdade Presidente Antônio Carlos de Teófilo Otoni-MG. E.mail: moraes.wallace@bol.com.br

***Maria* dos Anjos *Scofield D'avila* Lopes**

Graduação em Letras, professora na Faculdade Presidente Antonio Carlos de Teófilo Otoni – MG, email: scofieldavila@hotmail.com

Resumo

O Brasil é um país com um amplo território e mesmo assim, possui uma língua única. Essa condição de país continental, além de contribuir para uma grande diversidade nos hábitos culturais, religiosos, políticos e artísticos, influenciou e deixou na língua portuguesa marcas que acentuam a riqueza de vocabulário e de pronúncia. Como a linguagem é um fenômeno social, de acordo com (Orlandi, 2006), é necessário recorrer às variações provenientes do contexto social, que toma a sociedade como causa e vê na linguagem os reflexos das estruturas sociais. Em toda comunicação, a variação das formas linguísticas é constante.Este regionalismo aliado ao sotaque, que é a manifestação mais clara dos traços prosódicos de uma região, faz com que fique caracterizado claramente a origem do indivíduo e sua vinculação com determinada região.Neste aspecto o Vale do Mucuri carrega em

seu sotaque e em inúmeros vocábulos próprios, tanto falados ou escritos, a marca indelével de suas raízes históricas, com leve predominância para o nordestino.

Palavras-chave: Expressões Linguísticas- Regionalismo – Vale do Mucuri

Abstract

Brazil is a country with a large territory and yet it has a unique language. As a continental country, besides contributing to a great diversity of cultural, religious, political and artistic habits, it influenced and left in the Portuguese language marks that accentuate the richness of vocabulary and pronunciation. As language is a social phenomenon, according to (Orlandi, 2006) it is necessary to resort to variations from the social context, which takes society as its cause and sees in language the reflexes of social structures. In all communication, the variation of linguistic forms is constant. This regionalism, combined with the accent, which is the clearest manifestation of the prosodic features of a region, makes the origin of the individual and its connection to a certain region clearly defined. In this aspect, the Mucuri Valley carries in its accent and innumerable words, both spoken and written, the indelible mark of its historical roots, with a slight predominance for the Northeastern.

Keywords: Linguistic Expressions - Regionalism - Mucuri Valley

O Brasil é um país com um amplo território e mesmo assim, possui uma língua única. Essa condição de país continental, além de contribuir para uma grande diversidade nos hábitos culturais, religiosos, políticos e artísticos, influenciou e deixou na língua portuguesa marcas que acentuam a riqueza de vocabulário e de pronúncia.

A influência desses elementos presentes em cada região do país, aliada ao desenvolvimento histórico de cada lugar, fez com que surgissem regionalismos na língua, com o emprego de palavras ou expressões peculiares a determinadas regiões. Na literatura, pela liberdade poética, que lhe é peculiar, estes neologismos retratam fidedignamente o falar, alicerçado nos costumes e tradições.

Neste aspecto é importante destacar que as diferenças na nossa língua não constituem erro, mas são consequências das marcas deixadas por outros idiomas que entraram na formação do português brasileiro. Entre esses idiomas estão os indígenas e africanos, além dos europeus e aspectos ligados à migração interna.

Como a linguagem é um fenômeno social, de acordo com (Orlandi, 2006), é necessário recorrer às variações provenientes do contexto social, que toma a sociedade como causa e vê na linguagem os reflexos das estruturas sociais. Em toda comunicação, a variação das formas linguísticas é constante.

Daí porque a Sociolinguística, segundo Mussalin e Bentes (2004), estuda a linguagem no contexto social a fim de solucionar problemas próprios da teoria das linguagense a relação entre língua e sociedade.

Essa variedade linguística pode se manifestar de diversas formas - na construção sintática – por exemplo, em algumas regiões se diz *"sei não"*, em outras *"nãosei"*, mas a grande maioria dos regionalismos ocorre no vocabulário, onde um mesmo objeto por assumir nomes diferentes, dependendo da região.

Este regionalismo aliado ao sotaque, que é a manifestação mais clara dos traços prosódicos de uma região, faz com que fique caracterizado claramente a origem do indivíduo e sua vinculação com determinada região.

Tanto assim, que (Tarallo, 2001,), diz que essas variantes são diferentes maneiras de se dizer a mesma coisa, num mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade, existindo para isso váriosfatores que influenciam essa variação. Os principais são: geográficos, de classe, de idade, de sexo, de etnia, de profissão, grau de instrução, transformando a linguagem.

Pessoas que moram em lugares diferentes falam de maneiras diferentes em relação a um outro grupo que vive em outro lugar. Cada grupo assume seu dialeto, sua linguagem para se comunicar, construindo e reforçando os papéis sociais próprios de cada indivíduo

Essas transformações podem vir através da variação histórica - como por exemplo, a palavra “Você”, que antes era vosmecê e que agora, diante da linguagem utilizada no meio eletrônico, é apenas VC. Variação regional, através dos dialetos são as variações ocorridas de acordo com a cultura de uma determinada região, como por exemplo – mandioca em certas regiões é tratada por macaxeira e até mesmo aipim. Destaca-se também o caso do dialeto caipira, o qual pertence

àquelas pessoas que não tiveram a oportunidade de ter uma educação formal, e em função disso, não conhecem a linguagem “culta” Existe também a variação social que é aquela que utiliza expressões específicas de determinados grupos sociais – como por exemplo – surfistas, pessoas ligadas à informática. Tanto assim que, Bagno (2007) diz que a ““língua esociedade estão indissoluvelmente entrelaçadas, entremeadas, uma influenciando a outra”.

A linguagem regional refere-se aos falares locais, que são variações na fala que ocorrem de acordo com o local geográfico. Além desse tipo temos: a linguagem popular ou coloquial que é aquela usada de forma espontânea e fluente pelas pessoas, não seguindo as regras da gramática normativa e é carregada de vícios de linguagem, tais como pleonasmo, cacofonia, barbarismo e solecismo e gírias e expressões vulgares que costumam aparecer com frequência neste tipo de linguagem.

A linguagem vulgar é extremamente fora do padrão gramatical e faz parte da fala dos analfabetos ou semianalfabetos. As estruturas gramaticais são bagunçadas, como exemplo temos os vícios “Nóis vai”, “vamo ir”, “pra mim comer”. Já a linguagem culta é aquela ensinada nas escolas, usada em livros didáticos e, de certa forma reflete prestígio social e cultural.

Segundo aindaPossenti (2001), há fatores internos à língua que também influenciam na variação. Por exemplo, ouvem-se pronúncias alternativas de palavras como caixa, peixe - a pronúncia padrão incluiria a semivogal, a pronúncia não-padrão a eliminaria (caxa, pexe,). Outro exemplo são as variáveis pronúncias, em diferentes lugares do país, como do som que se escreve com a letra l: alguma, auguma, arguma. Mais exemplos: poderemos ouvir; “os boi”, “dois cara”, “nós vai”, mas nunca “o bois”, “um caras”, “eu vamo (s) ”. Seria simplificador supor (e impor) uma única variedade, tratando o restante das formas da língua simplesmente como erros. Mas o resultado mais interessante da consideração da variedade da língua é que ela pode ser tratada juntamente com sua mudança.

Em seus estudos Celso Cunha (1981) entende que a variante brasileira da língua portuguesa é o nosso ‘vulgarilustre’, o falar de nossas cidades, o padrão difundido, buscando sempre correlacionar alinguagem e sociedade em que está inserida.

Possenti (2012) chega a afirmar que a única verdade indiscutível em relação às línguas é que não são faladas uniformemente por todos. A heterogeneidade

social implica, ao menos concorre, na heterogeneidade linguística –em todas as sociedades.

Neste aspecto o Vale do Mucuri carrega em seu sotaque e em inúmeros vocábulos próprios, tanto falados ou escritos, a marca indelével de suas raízes históricas, com leve predominância para o nordestino.

Moraes (2112) constata que ao falar do Vale do Mucuri remete-se a um lugar de extrema pobreza, desprovido de cultura e acompanhado evidentemente das mazelas normais para este tipo de situação.Entretanto, ao aprofundar pesquisas sobre esta região depara-se com um universo impregnado de regionalismo, e diversidade cultural que com o passar dos anos foram amalgamados, criando uma identidade própria no falar e na designação de objetos.

Em seu processo de colonização, segundo Moraes (2012), absorveu referencias da lingua indigena, da lingua do colonizador, de influencias de negros alforriados, oriundos da guerra do Paraguai, de migrantes nordestinos fugidos da seca além de imigrantes germanos, franceses, italianos, suíços, belgas, holandeses, chineses, espanhóis, sírios e libaneses.

Este caldeirão inter racial, gerou inúmeros vocábulos, variantes da que passaram a fazer parte do vocabulário dos habitantes da região, tais como: rebuçar (cobrir), pocar (estourar), gôia (chouriço), enrabar (correr atrás), enricou (enriqueceu), comida com sustança (comida pesada), macaxeira (mandioca),taruíra (lagartixa) bestagem (bobeira), pão de sal (pão francês),muriçoca (pernilongo), defruço (gripe), tixa (pedaço de carne), derribar (derrubar), maiinha e paizinho (mãe e pai), biscoito de goma (biscoito de polvilho), lanche (merenda), quitanda (doces e salgados),girum (homem forte), runho (ruim), bamburrar (encontrar pedra)além de formas bem peculiares na utilização da conjugação de verbosou na total discordancia verbal. Exemplos não faltam – Eu fiz vira " eu fiço", se voce quiser passa para "se voce querer", tá compro e pago, os menino (no singular).

É fato, por outro lado, que por força das mídias, principalmente televisão e internet, houve uma pasteurização do falar, de tal sorte que a linguagem televisiva, com a formatação do sudeste do país, ocasionou o abandono de determinados vocábulos bem como no modo de falar. Isto ocorre porque a língua é dinâmica e sofre transformações com o passar do tempo em virtude de fatores advindos da própria mudança da sociedade.

Por outro lado, na literatura, com sua liberdade poética, fica mais evidente o linguajar das áreas rurais, a exemplo do poema o ABC da lavra da Chapadinha, recolhida de um garimpeiro.

O ABC da lavra da Chapadinha

Autor: Antônio Lopes (24/07/1988)
Conserva-se a escrita original.

Em 1988, no mez de junho estourou o grande bamburro i foi assim.
A lavra da chapadinha
Muitos topázios produziu
Até mulher trabalhava
E algum dinheiro adequeriu
Seu Didi com sua bondade
Todo mundo consentiu.

Depois foi produzindo
Algumas pedrinhas pingada
I a influencia foi voltando
I ajuntou a garimperada
Quando Marcio e João no túnel
Fez a lavra estourada.

Foi o famozo bamburro
Que tanta pedra saiu
Num túnel tão perigoso
Que alguns homem sentiu
A grande falta de coragem
Por isso não adequiriu.

Os que tiveram coragem
Muitas pedras tirou
I daí a poços dias
Bonitos carros comprou
Quem não podia com nada
A situação melhorou.

Foi uma influencia agitada
Cauzavaadimiração
Quem não tinha costume com nada
Inventava cavar o chão
O dinheiro faz muita coisa
Faz o perrengo valentão

O Apolo convidou
Zé Maria para lá
Para afundar no túnel
I eles juntos trabalha
Mas Zé Maria pensou
Disso tudo atrapalha

Convido o cabo Joazinho
Para no túnel ficar
De vigia lá na porta
Para ninguém entrar
I desse jeito sussegado
Todos iacavacar

I dessa maneira fizeram
I tantas pedras tiraram
I Elvira de quelezão
Para eles lumiaram
Para ter um direito
Tudo isso eles negaram

Jairo fez um túnel
Com Zé rocho trabalho
Milanez também uniu
I algumas pedras tirou
I daí a pocos dias
Carro bonito comprou

Joao de Clemente Nocencia
Do lado esquerdo pegou
Para tomar o principal
Pedrinhas ruins tirou
I com esse plano dele
Zé carabina apavorou

Zé carabina pegou
Do lado direito pensando
Que pegava a caixa firme
I assim foi afundando
Quando Roque mais Didi
Começou a demandando

Seu Didi mandou Pará
Tudo quanto é garimpeiro
I tem pulicia de vigia
Para ninguém intrometer
Até ver em que ficava
Um acerto verdadeiro

Seu Didi e Dr.Roque
É dois lião no dezerto
Cada deles dizia
Que só eu que estou serto
I botou preza a lavra
Pra ninguém chegar lá perto

Eu que já estou velho
Com essas coisa não ligo
Posso até incher de pedra
Com meus irmãos mão brigo
Só quero a paz com o povo
I todo mundo amigo

Teve mais alguém nesse meio
Que nem tudo pude escrever
Só puz o mais nesseçario
Para o povo intender
Como é a ganança do povo
Correndo atraz do dinheiro

Aqui na nossa pracinha
Chega me dá sono
De tanto carro que tinha
Parecia em Teófilo Otoni
Cara de estranho i daqui
Só não tinha o demônio

Joao Veio no seu butequim
Quase não tinha sossego
De tanto que pedia
Tira gosto muito sedo
Só uma pena que ele sofria
Muitas câimbras nos seus dedos

Jorge de seu Adecio
Já com umas pedrinhas tirada
Numa barreira que caiu
As pedrinhas ficou enterrada
Na carreira que ele deu
Com o pé i a cabeça cortada

Assim dou por acabado
O abc da chapadinha
Quem gostou de ver cantar
Deve dar uma risadinha
Para mim ficar sabendo
Que não foi bobage minha.

Referencias

BAGNO, Marcos.**Nada na língua é por acaso:por uma pedagogia da variação linguística.** Rio de Janeiro: Parábola editorial, 2007.

CUNHA, Celso Ferreira da. **Língua, nação e alienação**, Editora Nova Fronteira, 1981

MORAES, Wallace Gomes.**Sobre as Águas do Mucuri** ,São Paulo – Ed. Ixtlan – 2012

MUSSALIN, Fernanda; Bentes, Anna Christina (orgs). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras,** v.1. São Paulo

ORLANDI, EniPulcinelli. **O que é Linguística**. São Paulo. Editora Brasiliense, 2006

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola.** Campinas, SP. Mercado das Letras: Associação de Leitura no Brasil, 2001

POSSENTI, Sirio.**Os “erros” de gramática deveriam ser mais observados para verificarmos como são regulares**. Revista Carta na Escola. Edição nº 65, abr. 2012.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo. Editora Ática, 2011

TERRA, Ernane**, Linguagem, Língua e Fala**– Saraiva, 2018 3ª